

ANÁLISE DE MERCADO POTENCIAL DE ESPÉCIES FLORESTAIS NATIVAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Documento Síntese

Vitória/ES, Fevereiro de 2018



Análise de mercado potencial de espécies florestais nativas do espírito santo

O mercado de produtos florestais nativos constitui uma atividade econômica complexa e diversificada. Há grandes oportunidades para o uso econômico dos produtos nativos do bioma mata atlântica. Na categoria de consumidores, observa-se um relevante nicho de mercado para os produtos não madeireiros, especialmente as frutas, que são aqueles que buscam uma alimentação saudável, saborosa e qualidade de vida com custo acessível, hábito já incorporado por parte da população capixaba. A vertente ambiental desse mercado também se traduz em oportunidades, pois para o uso é necessário a formação de florestas que contribuem com a conservação de água e solo, aspecto também notado por parte dos consumidores. No caso das madeiras, a principal característica, e que se traduz em oportunidades, é a significativa demanda capixaba por madeira de origem nativa para diversos fins, como o engradamento de telhados, fabricação de móveis e esquadrias, dentre outras.

Outro ponto relevante é a possibilidade de atendimento do Código Florestal (Lei nº 12.651/12), promovendo a recomposição florestal das áreas de preservação permanente – APP e reserva legal – RL, concomitante ao uso econômico sustentável. Segundo estudo do Cedagro (2015), no estado do Espírito Santo há a necessidade de recuperar 207.559,88 ha de áreas caracterizadas como de preservação permanente e 79.261,74 ha de áreas de reserva legal.

Assim, no presente estudo, objetivou-se analisar o mercado de produtos florestais da mata atlântica, madeireiros e não madeireiros (Quadro 01), com base na avaliação da sustentabilidade do negócio, a demanda existente e potencial dos produtos, a viabilidade de exploração do mercado, os produtos e usos a serem explorados, o perfil do mercado, além da produção necessária a fim de atender a demanda dimensionada.

Quadro 1 – Espécies estudadas

ESPÉCIES MADEIREIRAS
Louro-pardo (<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.)
Garapa (<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F. Macbr.)
Vinhático (<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.)
Macanaíba pele de sapo (<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth)
Jequitibá rosa (<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze)
ESPÉCIES NÃO MADEIREIRAS
Cajú (<i>Anacardium occidentale</i> L.)

Aroeira (<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi)
Cajá-mirim (<i>Spondias mombin</i> L.)
Cajá manga (<i>Spondias venulosa</i> (Engl.) Engl.)
Palmeira jussara (fruto) (<i>Euterpe edulis</i> Mart.)
Palmito amargoso (<i>Polyandrococos caudescens</i> (Mart.) Barb. Rodr.)
Pitanga (<i>Eugenia uniflora</i> L.)
Jabuticaba (<i>Myrciaria coronata</i> Mattos)
Araça-una (<i>Psidium eugeniaefolia</i>)
Jenipapo (<i>Genipa americana</i> L.)
Abiu silvestre (<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.)

Para subsidiar a análise, quatro etapas foram desenvolvidas, em uma sequência lógica, conforme demonstrado na Figura 01.

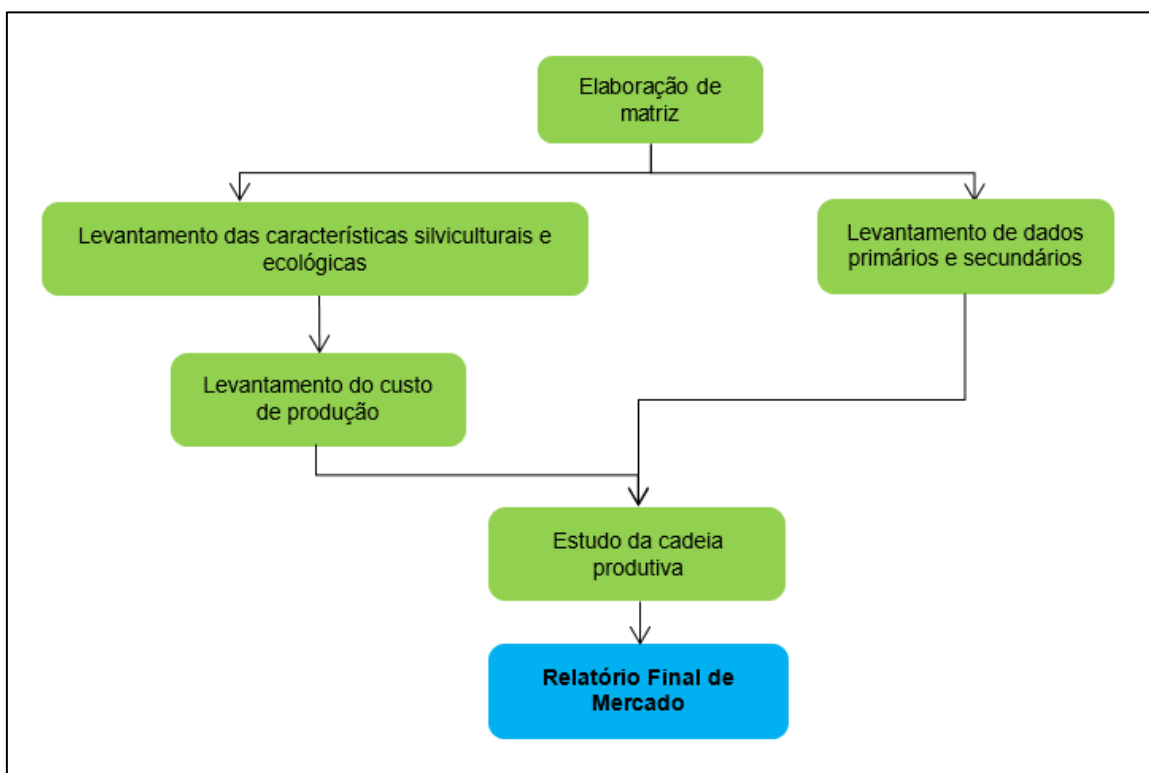


Figura 1 – Fluxograma síntese das etapas do estudo

Fonte: Elaboração própria

Como resultado, tem-se que a demanda de consumo dos produtos estudados (efetiva mais a demanda estimada pelas unidades de beneficiamento/comercialização), no caso das espécies não madeireiras, no Estado do Espírito Santo, perfaz 5.525.981 kg de frutos *in natura* por ano e 1.606 hastes de palmito amargoso por ano (Quadro 02).

Quadro 2 – Quantitativos provenientes dos levantamentos realizados, que se referem à demanda dos produtos no Estado do Espírito Santo (efetiva mais a demanda estimada pelas unidades de beneficiamento/comercialização)

Produto/espécie	Quantidade total beneficiada/comercializada (kg/ano) ¹	% em relação ao total
Cajú	1.451.760	26,27
Cajá manga	1.021.640	18,49
Aroeira (pimenta rosa)	1.020.000	18,46
Palmeira jussara (fruto)	869.305	15,73
Cajá-mirim	708.056	12,81
Palmito amargoso	1.606	-
Pitanga	216.710	3,92
Jabuticaba	154.245	2,79
Araça-una	80.650	1,46
Jenipapo	2.295	0,04
Abiu silvestre	1.320	0,02
TOTAL	5.525.981 ²	100,00

Notas: ¹ no caso do palmito amargoso, a unidade a ser considerada é nº de hastes comercializadas/beneficiadas por ano; ² o total não considerou os quantitativos provenientes do palmito amargoso, pois está com unidade distinta

Fonte: Elaboração própria

Ressalta-se que os quantitativos demandados pelo mercado são maiores, em face da impossibilidade de quantificação de determinados volumes em alguns estabelecimentos, seja pela objeção de uma determinada unidade de beneficiamento em repassar o dado, tendo em vista estratégias de mercado, seja pela falta de registros. Cabe destacar a fruta Cajú, onde estima-se uma demanda significativamente maior que a levantada.

Os melhores usos para cada produto não madeireiro estudado estão relacionados ao tipo de beneficiamento/comercialização das unidades que atualmente demandam os produtos. Assim, caju, cajá manga, cajá-mirim, palmeira jussara, pitanga e araça-una, são usados principalmente para a produção de polpa de frutas, e em menor proporção há o consumo *in natura* e a produção de picolés/sorvetes, licores e doces. A jabuticaba e jenipapo o principal uso é para a produção de licores. Já o abiu silvestre é consumido na forma *in natura*, sendo o principal uso do produto. Palmito amargoso e aroeira têm seus produtos relacionados à demanda de unidades de beneficiamento específicas, sendo o primeiro utilizado para a produção de conservas e venda *in natura*, e o segundo para a produção de condimento, denominado “pimenta rosa”.

Em relação às espécies madeireiras, tendo em vista a qualidade e a versatilidade da madeira das espécies estudadas, além da possibilidade de substituição das provenientes do bioma amazônico, usualmente utilizadas, a análise indica que essas espécies possuem um mercado potencial viável de ser explorado, estimado em 50% da demanda atual de consumo do Espírito Santo (44.751,19 m³ de madeira serrada por ano, que se refere à metade da madeira consumida anualmente). Para reforçar essa análise, estabelecimentos que consomem madeiras de origem nativa, preocupados em relação à garantia de disponibilidade da madeira proveniente de extrações no bioma amazônico, informaram mudar de fornecedor caso haja regularidade de oferta da madeira proveniente do bioma mata atlântica.

Os melhores usos para as madeiras das espécies selecionadas (Louro-pardo, Garapa, Vinhático, Macanaíba pele de sapo e Jequitibá rosa), de forma geral, podem ser os seguintes: marcenaria; produção de móveis de luxo; revestimos decorativos; produção de carrocerias de veículos, decks; edificações; painéis; esquadrias (porta, janela, entre outros); acabamentos internos de edificações; engradamento de telhados (um dos principais destinos da madeira nativa no Estado do Espírito Santo); pilares e vigas.

A cadeia produtiva dessas espécies, madeireiras e não madeireiras, envolve múltiplos atores em diferentes níveis de atuação (Figura 02).

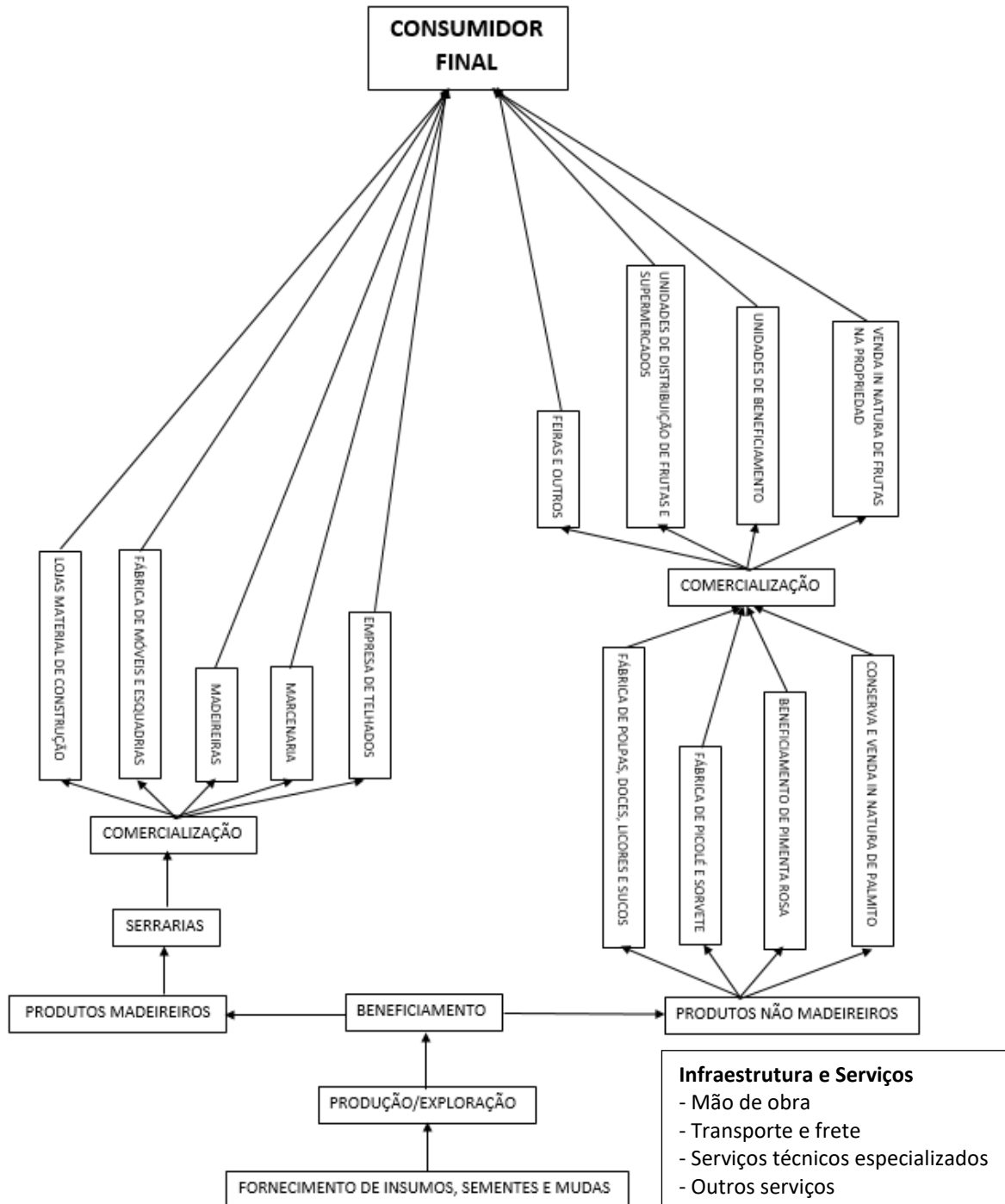


Figura 2 - Delimitação sintética da cadeia produtiva dos produtos madeireiros e não madeireiros do bioma mata atlântica

Fonte: Adaptado de Cedagro (2015) e Shelman (1991)

Com base no dimensionamento do mercado das espécies consideradas, e das características do sistema de produção, como a produtividade por hectare, tem-se a produção mínima necessária para atender as demandas de compra das

espécies, aqui considerada como sendo a área de produção necessária (Quadros 03 e 04).

Quadro 3 – Área de produção mínima necessária, de cada espécie não madeireira, para atender a demanda anual de compra

PRODUTO/ESPÉCIE	Nº PLANTAS/HA	PRODUTIVIDADE (KG/HA/ANO) ¹	DEMANDA DE COMPRA/CONSUMO (KG/ANO)	ÁREA DE PRODUÇÃO NECESSÁRIA (HA) ³
Caju	204	10.000	1.451.760	145,18
Cajá manga	100	5.000	1.021.640	204,33
Cajá-mirim	156	7.000	708.056	101,15
Palmeira jussara (fruto)	625	5.000	869.305	173,86
Palmito amargoso	2.500	2.300	1.606	2,79 ⁴
Pitanga	500	2.500	216.710	86,68
Jabuticaba	277	11.000	154.245	14,02
Araça-una	400	10.000,00	80.650,00	8,07
Aroeira (pimenta rosa)	416	1.600,00	1.020.000,00	637,50
Jenipapo	100	7.000,00	2.295,00	0,33
Abiu silvestre	277	6.000,00	1.320,00	0,22
TOTAL	-	-	5.525.981,00²	1.371,33

Notas: ¹ no caso do palmito amargoso, a unidade a ser considerada é nº de hastes comercializadas/beneficiadas por ano; ² o total não considerou os quantitativos provenientes do palmito amargoso, pois está com unidade distinta; ³ calculado da seguinte forma: demanda de compra/consumo / produtividade; ⁴ valor referente à demanda de consumo (1.606 hastes por ano) x 4 (período, em anos, necessário para a formação da lavoura até o ponto de colheita) / 2.300 (produtividade/ha em nº de hastes)

Fonte: Elaboração própria

Quadro 4 – Área de produção (plantio) necessária das espécies madeireiras, para atender a demanda anual de compra

PRODUTO/ESPÉCIE	PRODUTIVIDADE (M ³ DE MADEIRA SERRADA/HA) ²	DEMANDA DE CONSUMO (M ³ DE MADEIRA SERRADA/ANO) ³	ÁREA DE PLANTIO NECESSÁRIA (HA/ANO) ⁴	ÁREA DE PLANTIO TOTAL NECESSÁRIA (HA/APÓS 30 ANOS) ⁵
Madeira serrada ¹	63	44.751,19	710,34	21.310,09
TOTAL	-	44.751,19	710,34	21.310,09

Notas: ¹ referente às espécies garapa, jequitibá rosa, louro-pardo, vinhático e macaíba pele de sapo; ² referente a produtividade de 6 m³/ha/ano de madeira em toros x 30 anos (tempo de cultivo até o corte da madeira) x 0,35 (fator de conversão de madeira em toros para madeira serrada, de acordo com a Resolução CONAMA nº 474/2016); ³ demanda estimada em 50% do volume consumido anualmente pelo mercado capixaba (CEDAGRO, 2015); ⁴ calculado da seguinte forma: demanda de consumo / produtividade; ⁵ área total para atender ao mercado, considerando que são necessários 30 anos de condução do sistema para os indivíduos florestais atingirem diâmetro adequado de corte

Fonte: Elaboração própria

Ao avaliar os valores atualmente pagos pelos produtos, madeireiros e não madeireiros, todas as espécies são sustentáveis do ponto de vista econômico, por apresentarem custo de produção unitário inferior ao valor pago pelo mercado ao produto rural.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES, CONSTATAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

- No Estado do Espírito Santo, já existe um mercado consumidor estabelecido dos produtos não madeireiros do bioma mata atlântica estudados, quais sejam: cajú, cajá manga, cajá mirim, palmeira jussara (fruto), jabuticaba, pitanga, aracha-una, jenipapo, abil silvestre, palmito amargoso e aroeira (pimenta rosa). Mesmo aqueles com pequeno volume demandado, tratam-se de nichos específicos que podem ser explorados.
- Existe um potencial para a expansão do mercado dos produtos não madeireiros do bioma mata atlântica. Para isso, é necessário a implementação de um programa intensivo de posicionamento dos produtos no mercado, o que possibilitaria a ampliação do consumo pelo público já existente, e alcance de novo público consumidor. Independentemente de programas destinados a ampliar o consumo desses produtos, ações pontuais para equacionar a irregularidade na oferta de alguns produtos e a informalidade pode de imediato aumentar o consumo e o mercado.
- Existe um elevado potencial para produção (plantio) de várias espécies nativas do bioma Mata Atlântica, especialmente aquelas que os frutos são adquiridos de outros estados, a exemplo de caju, cajá manga, cajá-mirim e pitanga. No entanto, existe pouco desenvolvimento de tecnologias de produção desses produtos sob o ponto de vista econômico e comercial, visando o aumento da produtividade e qualidade.
- É necessário fomentar a estruturação da cadeia produtiva dos produtos não madeireiros, em face de gargalos existentes em alguns elos, como por exemplo no setor de produção de algumas frutas, onde há ausência completa de produção e de fornecedores provenientes do território capixaba. Esse fomento é estratégico, com conseqüente ganhos econômicos, ambientais, em saúde pública e de educação para o Estado do Espírito Santo.
- Todas as espécies não madeireiras são sustentáveis do ponto de vista econômico, respeitados os quantitativos demandados pelo mercado, pois apresentam custos de produção unitários inferiores aos valores pagos pelos produtos.

- Há gargalos em alguns elos da cadeia produtiva dos produtos não madeireiros, sendo os principais: irregularidade na oferta dos produtos; informalidade das unidades de produção, prejudicando o abastecimento das unidades de beneficiamento e a comercialização; carência de regulamentação dos órgãos ambientais de controle, a fim de permitir que haja segurança no plantio e garantia de colheita dos produtos; falta de linhas de crédito específicas e diferenciadas para a produção dessas espécies; insuficiência de ATER; carência de um maior número de materiais genéticos que garantam a produção parcelada e em períodos distintos, objetivando alcançar a regularidade na oferta e padrão de qualidade dos produtos; ausência de certificações para diferenciar os produtos como sendo do bioma mata atlântica, o que traria um diferencial competitivo; baixo padrão de qualidade dos produtos.
- Já existiu um mercado tradicional, no Estado do Espírito Santo, das espécies madeireiras do bioma mata atlântica. A garapa, em especial, apresenta um mercado estabelecido atualmente.
- O consumo de madeira das espécies do bioma amazônico, em parte, pode ser substituído pelo consumo de madeira das cinco espécies provenientes do bioma mata atlântica (louro-pardo, garapa, vinhático, jequitibá rosa e macanaíba pele de sapo), em face da qualidade da madeira como acabamento, resistência e semelhanças em termos de aplicabilidade, além da intenção das unidades consumidoras capixabas (madeireiras, fábricas de esquadrias, lojas de materiais de construção, dentre outras) em mudar de fornecedor, caso haja disponibilidade e regularidade de oferta de madeiras de espécies da mata atlântica.
- Há pontos de estrangulamento na cadeia de produção de madeira nativa, e que precisam ser solucionados para viabilizar o setor. Como exemplo, tem-se a completa ausência de plantios comerciais de espécies nativas madeireiras, além da inadequada infraestrutura e formalização das unidades de beneficiamento (serrarias). Também há limitações de ordem burocrática e legal que dificultam o plantio e conseqüente exploração da madeira.
- O custo de produção da madeira das cinco espécies estudadas é inferior ao valor atualmente pago pelos produtos, demonstrando a viabilidade financeira da atividade.
- Posicionar a madeira das espécies do bioma mata atlântica no mercado capixaba, através de um programa consistente de marketing, se faz necessário, objetivando uma mudança no padrão de consumo atual.